

O dilúvio e o fim dos tempos

Em Mt.24:36 a 44, Jesus afirmou que os dias que antecederiam o juízo final e o fim dos tempos serão semelhantes aos dias anteriores ao dilúvio, nos quais os homens despreocupados e incrédulos “comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento” até vir o dilúvio, que os surpreendeu a todos.

É fácil deduzir o motivo do descaso dos anti-diluvianos com relação a catástrofe que Noé anunciava. Eles nunca haviam visto chuva (Gn.2:5) e Noé lhes exortava a se prepararem para entrar numa arca que estava sendo construída para sobreviver à grande inundação decorrente da chuva ininterrupta que haveria de acontecer!

Quando em Hb.11:7 lemos que Noé foi “avisado sobre coisas que ainda não se viam”, podemos entender que isto se refere a chuva, a qual tanto Noé como os seus contemporâneos desconheciam.

Com efeito, as condições do mundo antes do dilúvio eram bem diferentes. A irrigação do solo era feita através de um vapor que subia pela evaporação, condensava-se e se posteriormente se precipitava, como diz Gn.2:5. Em Jó 36:27 e 28, o livro mais velho da Bíblia faz referência ao ciclo hidrológico exatamente nesses termos.

Em Gn.1:6 e 7, vemos a separação entre as águas sob a expansão e sobre a expansão. Entendemos que essa “expansão” que o texto faz referência seriam as camadas atmosféricas mais baixas e que as “águas acima da expansão” corresponderiam a um dossel de água que envolvia todo o globo terrestre, constituindo-se em uma verdadeira “redoma” capaz de manter uma temperatura homogênea e num filtro eficiente contra os nocivos raios X e ultra-violetas do sol.

Essas condições climatológicas especiais explicariam a surpreendente longevidade dos anti-diluvianos. Noé, por exemplo, estava com seiscentos anos de idade quando o dilúvio veio sobre a Terra (Gn.7:11).

Diz-nos o texto do Genesis que “romperam-se todas as fontes do grande abismo e as janelas dos céus se abriram” nessa ocasião, confirmando-nos a idéia de um manancial que estava anteriormente suspenso e recluso, até que rompeu-se e precipitou toda a água armazenada de uma só vez, cobrindo toda a superfície da terra, inclusive os grandes montes (Gn.7:19).

As condições excepcionais ambientais desse período, além de favorecerem a longevidade, possibilitavam também o desenvolvimento avantajado dos seres, explicando assim o fato de existirem homens gigantes (Gn.6:4) e animais de grande porte, como os fósseis e esqueletos de criaturas anti-diluvianas podem comprovar.

Devido a uniformidade da temperatura que havia sobre todo o planeta antes daquela “redoma” se romper, muitos animais e plantas de climas tropicais vieram a ser encontrados nas geleiras de regiões hoje consideradas “eternamente frias”, ainda com alimentos próprios de regiões quentes, como se tivessem sido repentinamente surpreendidos pela catástrofe.

Antes do dilúvio, a água que originou aquela grande chuva estava sobre a atmosfera, mas ninguém a via por causa de sua transparência. Isso fez com que os homens duvidassem da pregação de Noé, assim como muitos duvidam hoje das promessas de Jesus porque não estão discernindo os sinais dos últimos tempos, nem vendo com seus próprios olhos o que foi falado no passado.

Em II Pe.3:4 a 12 lemos que nos últimos dias, muitos escarnecedores viriam cobrar o cumprimento das antigas promessas relativas ao fim do mundo, demonstrando o mesmo descaso dos homens nos dias de Noé.

A arca de Noé é uma figura da Igreja. Nos “andares baixos, segundos e terceiros”(Gn.6:16) estavam respectivamente os répteis, quadrúpedes e aves (Gn.6:20), que representam os diversos graus de espiritualidade dos cristãos que estão hoje nas igrejas.

Assim como a arca foi calafetada por dentro e por fora, para evitar a infiltração externa (Gn.6:14), a Igreja tem de ser preservada com relação a influência do mundo e dos conceitos materialistas. O fato da arca ter se elevado sobre a terra (Gn.7:17) prefigura o arrebatamento da Igreja (I Ts.4:16 e 17).

Em Hb.11:7 lemos que a fé de Noé trouxe condenação para aquela geração, porque não deram crédito ao alerta rebido da mesma forma como Noé deu. A justiça de um justo faz evidenciar ainda mais a injustiça de um injusto.

No entanto, apesar de toda sua fé, Noé precisava da graça que haveria de se manifestar em Cristo, para poder ser “aperfeiçoado” e receber as promessas, como diz Hb.11:39 e 40.

Em I Pe.3:20 lemos que de toda aquela geração, apenas oito pessoas se salvaram pela, além dos animais. Isto quer dizer que a grande maioria faz pouco caso e não está preparada para o tempo do fim.
Porisso Jesus exortou a vigilância, a fim de que esse dia não venha a surpreender a muitos como o ladrão à noite (Mt.24:45 e 46).

Oswaldo Carvalho